

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Andressa Pereira de Souza

A História em Quadrinho e a Formação Crítica do Leitor

Rio de Janeiro

2013

Andressa Pereira de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível
médio em saúde com habilitação em
Vigilância em Saúde

Orientador: ANAKEILA STAUFFER

Co-orientador: KARINE BASTOS

Rio de Janeiro

2013

Andressa Pereira de Souza

A História em Quadrinho e a Formação Crítica do Leitor

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio como requisito
parcial para aprovação no curso técnico
de nível médio em saúde com
habilitação em Vigilância em Saúde.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

(CARLA MACEDO MARTINS – EPSJV/FIOCRUZ)

(KARINE OLIVEIRA BASTOS – EPSJV/FIOCRUZ)

(MARCELO DE SOUZA PEREIRA – EPSJV/FIOCRUZ)

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois tenho consciência de que nada acontece sem a aprovação dele, e posteriormente aos meus Orixás, que por muitas vezes quando me via perdida, sentia que eles estavam ao meu lado.

E assim por diante, gostaria de dizer que a EPSJV representou uma fase importante da minha vida, fiquei na escola por quatro anos e mais de cinco mil horas, foram tempos difíceis em que muitas vezes achava que não conseguiria chegar ao fim, não iria cumprir esse desafio posto em minha vida. Mas eu to aqui, consegui chegar, é uma fase da minha vida que está sendo encerrada ao final desse projeto, contudo devo ressaltar, não cheguei sozinha, e talvez não chegasse se não fosse por inúmeras pessoas.

Sendo assim, não posso deixar de citar alguns nomes e agradecer pelo que fizeram, para isso, vou lá no ano de 2008 em que eu nem ao menos havia adentrado na EPSJV.

Na turbulência do ano de 2008 em que minha vida era voltada apenas para os estudos, pois tinha como objetivo passar em alguma escola técnica, havia pessoas que faziam parte do meu cotidiano que traçavam o meu destino junto comigo para que a meta fosse alcançada. A meu pai que investiu nos meus estudos por acreditar em mim, à minha mãe que se superou para o meu melhor, me incentivou, tornou-se carinhosa e foi paciente, e a meu irmão, que me apoiava e ajudava me ensinando algo quando eu não sabia.

No dia da prova da EPSJV não estava me sentindo bem, passei muito mal durante o dia, e ao chegar em casa deixei bem claro que tinha certeza que não conseguiria entrar para essa escola. Para minha surpresa, aqui estou, ou melhor, para o meu desespero, pois quando soube que havia passado entrei em pânico por não querer vir pra cá, mas não me deram opções, e hoje agradeço por isso.

Além de tudo que aprendi nessa escola, o meu maior presente foram às pessoas que encontrei nesse campo de batalha, foram dádivas na minha vida. Sendo assim, agradeço a turma de Vigilância em Saúde 2009 por me aceitarem e me apoiarem, mas principalmente a: Isabel Barbosa, Isabella Araújo, Ana Carolina, Mônica Santos, Rebeca Rosa, Jaqueline Sério, Alexander, Gabriel, Augusto, Laís e Victor; gostaria de ressaltar para essas pessoas o quanto é a minha gratidão por elas, e o quanto as admiro, sempre me lembrarei delas com todo carinho que possa existir no meu coração.

Assim por diante, gostaria de agradecer também a minha turma de Vigilância em saúde 2010, que realmente fico sem palavras para dizer o que sinto. Pois, quando os encontrei pensei que jamais me daria bem com eles, que seria infeliz por estar nessa turma; arrependo-me pelo que pensei e hoje em dia vejo que o quanto me fez bem repetir e parar nessa turma, pois se houvesse passado direto não teria a chance de conhecer pessoas tão valiosas, cada um a seu jeito. Então, agradeço de todo o meu coração a turma inteira, pois todos me ajudaram a passar e a enfrentar os dias que pareciam intermináveis, contudo há pessoas que se fizeram mais presente na minha vida, devo citar: Rebeca Rosa (minha grande e melhor amiga que pude encontrar nessa escola, e na vida), Giovanna Abreu (se soubesse o quanto gostaria de você teria me aproximado antes para aproveitar mais um ano ao seu lado), Paloma Palacio (você é realmente surpreendente, posso conhecer milhares de pessoas, mas tenho total certeza que jamais vou encontrar alguém no mundo como você, inteligente, linda e maravilhosa em todos os sentidos), Shirlene Feitoza (foi a única pessoa que gostei desde o primeiro dia que conheci, já sabia que você seria importante na minha vida, hoje posso ter certeza disso), Brenda Rodrigues (não sabia que poderia encontrar alguém que sentisse tanta afinidade, você é inigualável, insubstituível em minha vida). Aos meninos: Emanuel, Felipe Gonçalves, Felipe Cezário, Iury, Michael Jordan, Wagner, Marlon, Yang, Eduardo e João Pedro (gostaria que mais pessoas pudessem conhecer vocês de verdade, e que pudessem ver o que eu vejo, tenho certeza que iriam se surpreender e admirar vocês, como eu admiro, com todo carinho quero levar vocês pelo resto da minha vida, mesmo que seja apenas no coração).

Agora, gostaria de agradecer a algumas pessoas presentes em minha vida, reconhecendo o valor que elas têm pra mim: primeiramente ao Matheus – meu namorado – (por estar me acompanhando nesse campo minado, segurando minha mão, aturando meu nervosismo e ainda sim, me amando, eu o amo muito e sua presença foi crucial na minha vida); as minhas amigas que são pra mim um refúgio em que me encontro bem – Dayane, Joyce, Thaís e Mariana –; e por fim, mas não menos importante, a minha sogra – Andréa – por estar me ensinando diversas coisas, me apoiando, me tratando como filha e assim servindo como um exemplo em minha vida.

Para finalizar, gostaria de agradecer a minha querida e ótima orientadora – Karine – pela paciência comigo, por andar ao meu lado, e devo reconhecer que sem você não conseguiria nem ao menos começar o projeto. Ao Lavsa pela dedicação aos alunos, e particularmente comigo, pessoas como, Ieda e Gladys devem ser reverenciadas

por tanto que fizeram por mim, sou eternamente grata. A alguns professores do Labform, como: Jairo, Paulo Henrique, Felipe Gonçalves, Alexander e Fabiano, que são exemplos de professores e principalmente, de pessoas. A minha coorientadora – Anakeila – e a minha banca – Carla e Marcelo – por aceitarem participar desse projeto e com toda certeza, pela boa vontade de vocês comigo.

Obrigada a todos.

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a contribuição da História em Quadrinhos para a formação crítica do leitor, contrariando o posicionamento de alguns profissionais da Educação em relação a este gênero textual. Será defendida a visão sociocognitiva interacionista da linguagem, que considera a leitura como um processo de construção de sentidos, de modo que a interação autor-texto-leitor se torna fundamental. Caberá também discutir sobre a ideologia presente nas histórias e como ela pode contribuir para a formação crítica do leitor/cidadão. O prazer proporcionado pela leitura das HQ também será um ponto de discussão, principalmente por conta da resistência do ensino diante de leituras prazerosas e, ao mesmo tempo, consideradas, subgêneros.

Palavras Chave: História em Quadrinhos. Formação crítica do leitor. Ensino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 DESVALORIZAÇÃO DOS QUADRINHOS	12
3 VISÃO SOCIOCOGNITIVA INTERACIONISTA DA LINGUAGEM	18
3.1 O gênero textual quadrinho.....	21
4 HQ E O PROCESSO DE FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR	27
4.1 A HQ e o prazer na leitura.....	38
4.1.2 Leitura mais valorizada.....	41
5 CONCLUSÃO	44
6 REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade letrada como a nossa, a leitura deixou de ser apenas um índice que determina status e classe social e passou a assumir um caráter mais decisivo na formação do indivíduo enquanto cidadão.

No início do século XIX, por exemplo, o número de crianças que tinha acesso ao ensino de leitura e dos demais conteúdos escolares era muito pouco; isso porque apenas a classe dominante da época tinha acesso ao aprendizado, para que pudesse continuar controlando a classe subjugada e a expansão do mercado capitalista. Ou seja, só sabia ler quem fazia parte da elite da sociedade.

Um pouco mais tarde, com intuito de ter maior controle sobre as ações e valores das classes dominadas, essa classe influente chegou a criar instituições públicas com a finalidade de delegar o direito de ensino para todos. De fato, a criação de instituições que restringiam menos a entrada da população fez com que surgissem mais leitores, isto é, mais pessoas alfabetizadas. Nessa época, o que mais importava era o ensinamento de valores a serem seguidos e foi nessa perspectiva que o acesso da população à leitura cresceu. Os textos, por exemplo, só poderiam ser lidos dentro de sala se fossem autorizados.

Na segunda metade do século XX, predominou a leitura com finalidade mais informativa, isto é, ler passou a ser tarefa para se obter o maior número de conteúdos, informações.

Com o desenvolvimento da sociedade, porém, a leitura passou a assumir um caráter mais decisivo na formação do indivíduo como um cidadão crítico – e não somente como um sujeito informado, muito menos como um sujeito submisso aos valores da classe dominante. Atualmente, nos deparamos com uma gama de gêneros de texto em todos os lugares, nos mais diversos contextos da vida em sociedade, ou seja, cada vez mais, a leitura torna-se imprescindível para o indivíduo, sobretudo para que ele possa se posicionar como cidadão. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), a instituição de ensino deve formar indivíduos que

compreendam a cidadania como participação social e política de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionem-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas [...].

Assim, entendendo o cidadão como o sujeito que exerce a sua cidadania, pode-se afirmar que

a cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p. 14)

A formação do leitor, por sua vez, se inicia antes mesmo de sua entrada na instituição de ensino, pois, quando pequeno, muitas das vezes, já entra em contato com as histórias contadas/lidas por seus pais. E, a partir do processo de escolarização, espera-se que esse contato com a leitura se intensifique, não só por conta da alfabetização do indivíduo, mas principalmente porque ele tende a se submeter, cada vez mais, às práticas sociais da leitura.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.” (PARÂMETRO CURRICULARES NACIONAIS - Língua Portuguesa, 1997, p, 21)

É possível perceber que a escola tem papel relevante na formação crítica do leitor e, portanto, deve ter o compromisso de tornar seus estudantes leitores – críticos – nos mais diversos contextos sociais. No entanto, o quadro realista da sociedade brasileira se mostra muito diferente dessa perspectiva, uma vez que, além de por em destaque a cruel comparação entre educação pública e privada, de modo ainda a favorecer as classes dominantes, não está muito comprometida com a formação crítica do cidadão/leitor.

Em outras palavras, essa real postura das escolas brasileiras está mais próxima de uma concepção de leitura que assume que o sentido está dado no texto, sem considerar a bagagem sociocognitiva do aluno, principalmente, colocando-o no papel de

leitor passivo. Esta escola propõe, nesse caso, que seu aluno apenas reproduza – e não critique – o que está no texto. A própria seleção de alguns gêneros textuais em detrimento de outros feita por esta instituição revela um ensino voltado para a reprodução de valores hegemônicos.

Para alguns profissionais da educação, por exemplo, a História em Quadrinhos é considerado um gênero textual incapaz de contribuir para a formação do leitor – muitas das vezes, intitulado como um subgênero. Nessa perspectiva, chegam a desaprovar sua inserção em sala de aula como material didático.

No entanto, de acordo com os PCN, o estudante deve ter acesso à maior diversidade de gêneros, a partir do reconhecimento de que essa diversidade tem papel relevante na formação do leitor. Considera-se que os gêneros textuais materializam as práticas de discurso – associadas à cultura, momento, local – de uma sociedade. Para Bakhtin (2003, p. 279),

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

A linguagem é concebida a partir das práticas sociais, ou seja, os indivíduos, por meio dela, interagem entre si, comunicam-se e, sobretudo, posicionam-se na sociedade. As Histórias em Quadrinhos, por sua vez, estão fortemente presentes na vida em sociedade, pela diversidade de temas que aborda, por sua linguagem e ideologia. Desse modo, é importante que esteja inserida na instituição escolar e, principalmente, que não seja considerada um subgênero. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), espera-se que o aluno

compreenda e use os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação; analise, interprete e aplique os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos; confronte opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas; respeite e preserve as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas

esferas de socialização; utilize a linguagem como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção[...] (PARÂMETRO CURRICULARES NACIONAIS, 2000, p. 14).

Como se pode notar, os quadrinhos podem ser, sim, ferramentas relevantes para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, isto é, podem servir como instrumentos para cumprir os objetivos apontados pelos PCN (2000). Assim, defende-se aqui que as HQ não devem ser consideradas subgêneros pelas escolas, principalmente por contribuírem para a formação crítica do leitor e reforçarem também a formação do indivíduo como cidadão, ao mesmo tempo que lhe proporciona na leitura prazerosa.

2 DESVALORIZAÇÃO DOS QUADRINHOS

Considerada por alguns profissionais da educação e pessoas em geral como um subgênero incapaz de contribuir para a formação do leitor, a História em Quadrinhos será aqui defendida por ser, ao contrário do que muitos pensam, um gênero textual que pode e deve estar inserido no processo de ensino-aprendizagem do indivíduo, visando, sobretudo, sua formação como leitor crítico. Assim, em primeiro lugar, caberá discutir sobre as ideologias presentes nas histórias em quadrinhos, seja por meio da sua linguagem verbal ou não-verbal.

Compreende-se ideologia como ideias individuais, que são aplicadas na sociedade como forma de dominação de uma classe sobre a outra. As ideias desta classe dominante são tidas como corretas e, portanto, ideias a serem seguidas, como verdade universal. Pode-se notar que o que se difere destas é visto, certamente, com maus olhos. A verdade universal, por sua vez, é transmitida por todos os meios, de modo que seja realmente considerada a certa, fazendo com que haja a aceitação de algumas poucas opiniões a serem consideradas normais. Ou seja, a realidade é invertida sem que percebamos.

Assim, a transmissão e aceitação de valores ocorrem nos mais diversos âmbitos: na família, na escola, na televisão ou rádio (meios de comunicação em geral), nos hospitais, nas empresas, na própria rua etc. Enfim, todo discurso é considerado ideológico e tem por sua natureza convencer, persuadir os indivíduos. A indução leva os indivíduos a pensarem e agirem de modo que a classe dominante deseja. Porém, pode-se

afirmar que as ideologias contrárias também nascem nesses meios, surgem como forma antagônica das ideias dominantes num processo de conscientização da sociedade.

No ambiente, por exemplo, onde é contemplado que uma ideia é verossímil e deve ser seguida, o que porventura possa ser considerado distinto é visto como algo estranho. Em meio a esse sistema de domínio e de distinção, é concebido o que se chama de “preconceito” e ele pode ser manifestado de diversas formas, seja cultural, racial, linguística etc. A HQ abaixo, da autoria de Maurício de Sousa, discute a diversidade sexual, ainda vista em nossa sociedade com estranheza.



Tina, personagem principal da história, foi criada nos 60 como uma jovem hippie e, atualmente, aparece como estudante de jornalismo. O desfecho da história acontece quando Caio, amigo de Tina, para justificar que estava apenas conversando com sua amiga e não estavam fazendo mais nada que sugerisse uma relação amorosa, explica para o grupo que é comprometido. No último quadrinho, então, surge outro rapaz, que aparentemente, sugere ser seu companheiro. Apesar de ser facilmente interpretado pelos leitores que Caio é personagem gay, o autor não confirma tampouco

nega a questão sobre a sexualidade de Caio, dizendo que a interpretação deve ficar por conta dos leitores.

Muitos leitores elogiam o trabalho de Maurício de Sousa por tratar de questões que fazem parte da sociedade atual, como esta apresentada. Entretanto, muitos ainda estranham essa abordagem, o que revela a permanência do preconceito sexual na sociedade. No blog *púlpito cristão*, o quadrinho foi o centro da discussão sobre sexualidade e muitos dos leitores posicionam-se contra a história. Um internauta, que se identifica como *Presidente Figueiredo*, argumenta que “o inimigo já por muito tempo vem nitidamente expondo essa abominação, usando os quadrinhos e desenhos animados. Infelizmente, o que se vê, é uma grande quantidade de pessoas que se dizem cristãs encarando isso com naturalidade no cotidiano. Misericórdia oh Deus!”.

A ideologia pregada por diversas religiões assume que o certo é que os homens se relacionem somente com mulheres e vice-versa. Cabe ao indivíduo crítico, portanto, posicionar-se diante dos temas abordados, evitando reproduzir a ideologia presente e o que se considera verdade universal.

Pode-se entender que o preconceito é uma atitude discriminatória apoiada em conceitos julgados pela própria sociedade como unicamente certos. Na presente pesquisa, afirma-se que as HQ sofriam e ainda sofrem preconceitos por parte de algumas pessoas e que, além disso, por meio das histórias presentes nos quadrinhos preconceitos podem ser propagados ou antagonizados.

As HQ ainda podem ser vistas apenas como um meio de entretenimento, com objetivos puramente comerciais, que não contribuem para a formação de um indivíduo. O preconceito, em geral, é reproduzido pelos pais de alunos e, principalmente, pelos professores, que, muitas das vezes, consideram que este gênero ainda pode atrapalhar o ensino.

Um dos preconceitos sofridos pelos quadrinhos é o que está relacionado à linguagem: o chamado preconceito linguístico. Por meio da linguagem, a classe dominante transmite seus valores e, como dominadora, também idealiza a própria linguagem, de modo a não considerar o que se distancia de uma língua padrão. Nessa perspectiva, variações linguísticas de toda ordem são consideradas erradas. A classe dominante, portanto, entende a língua de forma homogênea a ser seguida por todos.

Na alfabetização, por exemplo, valoriza-se o ensino voltado para o jeito certo de se escrever e falar. Esse ensino também se deve à classe dominante, que ignora a heterogeneidade da língua. Assim, são ditadas regras da língua, muitas das vezes,

descontextualizadas e, a partir do momento em que é ensinado que há apenas uma língua padrão a ser seguida, o preconceito linguístico se intensifica. As HQ são julgadas de forma preconceituosa, por exemplo, por representarem predominantemente a modalidade falada da língua, não considerando a língua como homogênea.

Muitas pessoas ainda desconsideram a variedade linguística, na mesma lógica de que a crença do formalismo da língua considera que o que é diferente da norma culta é errado. Segundo Bagno em seu artigo “Erro de Português não existe” (p. 3)

a noção de ‘erro de português’, tão impregnada em nossa cultura não tem o menor fundamento científico. Ela é puro folclore, uma crença que, examinada à luz da ciência, perde toda a razão de ser. Tudo o que se chama tradicionalmente de ‘erro’ é, na verdade, um fenômeno de variação e/ou mudança linguística perfeitamente explicável do ponto de vista científico.

A HQ abaixo, também criada por Maurício de Sousa, tem como principal personagem o *caipira* Chico Bento.



As histórias do Chico Bento sempre reforçam o estereótipo de que todo *caipira* fala de modo considerado errado pela sociedade. É possível afirmar que a maior parte dos jovens faz uso da linguagem informal e há diversos aspectos que marcam essa informalidade, como o encurtamento de algumas palavras, algumas gírias criadas etc.

A questão é que Maurício de Sousa é o criador de outras histórias com outros personagens e, mesmo que a informalidade esteja presente em outros contextos sociais, ela é apenas reforçada nas histórias de Chico Bento. No quadrinho acima, por exemplo, Chico Bento usa palavras como: “fessora; sinhora; mi; castigá; pur; qui; num; inda; di; hoji”, que são marcas da oralidade – ou seja, não são casos exatamente de informalidade – que poderiam estar presentes nas histórias dos outros personagens. Porém com o intuito de ressaltar que o Chico Bento é um personagem caipira, tais palavras aparecem apenas nas falas dele e de seus amigos. Isso nos leva a perceber que “a ideia de um

preconceito linguístico não tem suas bases na própria língua, mas na ideologia do poder, ou seja, na própria sociedade. A própria sociedade fabrica uma ideia sobrenatural de uma língua pura e exemplar”. (MODESTO, TIAGO, 2009, p. 18)

Ainda discutindo sobre o preconceito que envolve o gênero quadrinhos, é possível afirmar que a linguagem e a ideologia são indissociáveis uma da outra. Em outras palavras, não é mais a ideologia linguística e sim as demais ideologias que são transmitidas a partir do que é dito, ou seja, a linguagem como meio de dominação.

O pensamento é emitido pela linguagem, as opiniões são materializadas em forma de textos. A representação ideológica é concretizada em forma de discurso.

Enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social. Há um nível grande de liberdade no âmbito da textualização, enquanto, no nível discursivo, o homem está preso aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido. (FIORIN, 2004, p. 41)

A língua emite valores, argumentos, apologias, vontades etc., porém, a fala de um indivíduo não representa apenas a posição dele e sim a postura de seu ciclo social, porque ele faz parte da sociedade e reproduz valores a partir de discursos já antes opinados. É o que se entende também por intertextualidade: dentro de um texto há outro(s) para sua formação.



No quadrinho acima, a personagem Mafalda emite por meio das palavras seus valores. A menina conversa com o globo terrestre e aponta como um de seus objetivos para o futuro salvar o mundo que os homens estão destruindo por meio de conflitos e guerras, sendo ela um indivíduo da sociedade que, mesmo indiretamente, também está sendo atingido pelos acontecimentos que norteiam o mundo. No último quadrinho,

Mafalda faz uma promessa ao globo terrestre e irá cumprir apenas se ele conseguir durar até lá.

O discurso crítico que é feito a partir da visão crítica também não é fruto apenas de um indivíduo e sim da classe dominada, logo, o discurso é crítico quando antagoniza o conceito da classe dominante. Ele é transmitido também ideologicamente, porém, com a diferença de que é formulada por sua classe dominada e transpassa a sua vivência.

Bakhtin discute como se dá a relação do indivíduo com a ideologia. No nível mais inferior da ideologia do cotidiano tem importância o fator biográfico e biológico, e as reações do indivíduo ainda não são marcadas ideologicamente, pois as interações vão se aprofundando e repetindo padrões, as enunciações se relacionam e se integram no sistema ideológico que vem se constituindo permanentemente naquele grupo; e nos estratos superiores da ideologia do cotidiano vão se apresentando os conteúdos sógnicos que já passaram pela prova da expressão externa, e as representações, as palavras, as entonações e as enunciações vão revelando estar completamente integradas no sistema ideológico, realizadas pelo sistema social. O meio social envolve, então, por completo e o indivíduo. O sujeito é uma função das forças sociais. O eu individualizado e biográfico é quebrado pela função do outro social. Os índices de valor, adequados a cada nova situação social, negociados nas relações interpessoais, preenchem por completo as relações Homem x Mundo e as relações Eu x Outro. (BAKHTIN, Conceitos-chave – Ideologia, p. 175)

A partir do que foi discutido a respeito de ideologia, nota-se que é de total relevância o trabalho com os quadrinhos dentro de sala de aula para que assim o indivíduo não entenda as HQ como apenas um meio de comunicação de entretenimento, mas principalmente como um meio de comunicação que tem como um dos maiores objetivos apresentar e persuadir o indivíduo a partir de suas ideias.

A ideologia presente nas HQ está ligada à imagem que a sociedade impõe como certa, como os estereótipos, ou de modo a criticá-los, dependendo dos próprios valores do indivíduo. Assim, entendendo as HQ como um meio de transmissão de ideologias, pode-se considerar que este gênero contribui significativamente para a formação crítica do indivíduo na sociedade – desde que, é claro, seja bem mediada pelo professor.

3. UMA VISÃO SOCIOCOGNITIVA INTERACIONISTA DA LINGUAGEM

Na sociedade em que vivemos, são vários os meios de comunicação presentes, utilizados para divulgar ideias e compartilhar pensamentos. As diferentes linguagens – seja oral, escrita, ou não-verbal – representam a forma de comunicação humana. Pode-

se dizer que todo e qualquer discurso feito pelo homem é materializado em forma de texto. Os PCN da Língua Portuguesa (1998) defendem que

o discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade.” (PCN, 1998, p. 21)

Considerando o fato de que somos deparados o tempo todo com textos, em diversos locais e em qualquer hora, é de máxima importância tratar a leitura como relevante para nosso aprendizado. Quando se trata de leitura, portanto, é preciso levar em consideração três componentes fundamentais: o autor, o texto e o leitor. Pode-se considerar que o sentido é construído ao longo da leitura a partir da interação entre esses três componentes.

Antes de discutir sobre a interação autor-texto-leitor, no entanto, faz-se necessário citar e ressaltar que, no presente trabalho, a linguagem será abordada de acordo com Marcuschi (2005), que toma como base a linguagem sendo construída ao longo do tempo pela própria sociedade. O autor diz que

conhecer um objeto como cadeira, mesa, bicicleta, avião, livro, banana, sapoti não é apenas identificar algo que está ali, nem usar um termo que lhe caiba, mas é fazer uma experiência de reconhecimento com base num conjunto de condições que foram estabilizadas numa dada cultura. O mundo de nossos discursos (não sabemos como é o outro) é sócio-cognitivamente produzido. O discurso é o lugar privilegiado da designação desse mundo. (MARCUSCHI, 2005, p. 99)

Com base nessa concepção sociocognitiva-interacionista de leitura, entende-se que não cabe ao leitor somente decodificar as palavras, as frases, mas também interagir com a leitura, de modo a ser capaz de fazer inferências considerando seus conhecimentos prévios e de se posicionar diante desta leitura. Nessa perspectiva, Koch (2006) defende que

o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2006, p.11)

E, do mesmo modo, salienta Backtin:

Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção sociocognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo de interação – como já dissemos – é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as idéias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que “toda compreensão é preche de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz” (BACKTIN, 1992, p.290).

Cabe ao leitor, portanto, o papel de dar dinamicidade ao texto, lendo-o a todo momento nas entrelinhas. Assim, ao longo da leitura, inconscientemente, o leitor – em seu papel ativo – vai formulando diversas estratégias, tais como seleção, antecipação, inferência e verificação, para que o sentido seja construído.

Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimento, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69-70)

Para que se chegue ao objetivo de leitura, o leitor deve ativar todos os seus conhecimentos, de modo a entender as frases, referenciar-se por ideias anteriores, compreender o contexto e posicionar-se criticamente.



Na tirinha acima, como em toda leitura, a construção de sentido depende das ferramentas citadas anteriormente. Assim, o desfecho da história se dá de forma irônica, quando se infere que o personagem se espelha no Ronald McDonalds. É importante, nesse caso, reforçar a importância da leitura da imagem para a construção de sentidos e para a própria ironia proposta pela história.

Cada situação requer uma leitura diferente, já que são diversos textos, com inúmeros significados e diferentes objetivos. Em um ambiente escolar, por exemplo, onde há provas e notas, a leitura de um texto, muitas das vezes, serve apenas para responder às perguntas que nortearão a avaliação. Já o objetivo de ler jornais é receber novas informações sobre o mundo em que vivemos.

Porém, não é só o objetivo da leitura que faz com que o leitor entenda – ou não – o texto. Como já foi dito, o leitor precisa assumir seu papel ativo, resgatando sempre seus conhecimentos anteriores, sua bagagem linguística, suas vivências, para que o sentido seja construído no decorrer da leitura.

A construção de sentidos, nesse sentido, depende de cada indivíduo, porque cada um fará sua própria leitura, de acordo com sua vivência e seus conhecimentos prévios. Mesmo que as pessoas compartilhem algumas ideias, participem dos mesmos eventos, frequentem os mesmos lugares, acreditem na mesma religião, ainda assim serão diferentes particularmente, pois sua bagagem nunca será igual a do outro.

Koch (2006) define como “pluralidades de sentido” os muitos entendimentos de um mesmo texto, considerando que a leitura varia de acordo com cada texto, com elementos que estão explícitos e implícitos, com o autor, com a linguagem, enfim, com a bagagem sociocognitiva do leitor. “Além dos fatores da compreensão da leitura derivados do autor e do leitor, há os derivados do texto que dizem respeito à sua legibilidade, podendo ser materiais, lingüísticos ou de conteúdo”. (cf. Allende & Condemarín, 2002).

Para a construção de sentidos no processo da leitura, é de suma importância reconhecer o contexto em que o texto está inserido. Nessa perspectiva, pode-se considerar que tudo apresentado fará parte do contexto e contribuirá para essa construção de sentidos. “O contexto é, portanto, um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto”. (KOCH, 2009, p. 64)

Foi dito anteriormente que, para a construção de sentidos na leitura, é preciso que o leitor considere sua bagagem sociocognitiva – conhecimentos prévios. Na

construção de um texto, não é diferente, pois, na elaboração de um discurso, o autor necessitará fazer citações de outros discursos. O texto será arquitetado de acordo com as suas crenças, seus conhecimentos de linguagem, as situações vivenciadas etc. Uma ideia pode ser aprimorada, ajustada, dito isso, é preciso que se reconheça que, dentro de um discurso/texto, sempre haverá inúmeras ideias de outros autores: é o que se pode chamar de intertextualidade.

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade. (PCN-Língua Portuguesa – 1997)

3.1 O GÊNERO TEXTUAL QUADRINHO

Além do que foi apresentado até agora, é de suma importância conhecer o gênero textual para a melhor compreensão do presente trabalho, que toma como base o gênero textual quadrinho. Para Marcuschi (2008), “a noção propositalmente vaga de gênero textual refere-se a textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

Os gêneros textuais estão presentes durante toda a nossa vida, porque são considerados práticas sociocomunicativas. Essa forma de “enquadramento” da linguagem facilita a comunicação devido à conveniência de que é apresentada, pois cada gênero possui suas peculiaridades na estrutura, na língua, nos temas e nos seus propósitos. De acordo com Bakhtin (1992, p. 301),

Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discurso), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Os gêneros são vistos como práticas sociocomunicativas, produzidos de acordo com as relações linguísticas dos homens. A eles são atribuídos uma dada função, composição, conteúdo, o que possibilita seu próprio reconhecimento. Tudo que está contido nele precisa ser levado em consideração para que haja a construção de sentidos. E, mesmo que cada gênero tenha suas peculiaridades, assim como a sociedade e a linguagem, eles também podem sofrer variações, tanto em sua unidade temática quanto na forma composicional e estilo. Ainda sim, é possível reconhecer a qual gênero textual certo texto representa, pois são definidos, sobretudo, por sua função.

É representativo de que um gênero pode assumir a forma de outro e, ainda assim, continuar pertencendo àquele gênero. Esse fenômeno alusivo à hibridização ou mescla de gêneros é denominado de intertextualidade intergêneros (MARCUSCHI, 2002, p. 31).

No presente trabalho, o foco será dado ao gênero textual História em Quadrinhos e tirinhas – uma das derivações das HQ. De modo mais amplo, pode-se descrever tanto as tirinhas quanto as histórias em quadrinhos como uma forma de arte que apresenta em sua composição imagens e textos que se completam ao passar da leitura, expressam variados temas e estão presentes em jornais, revistas, online – na Internet –, livros etc. De acordo com Will Eisner, um dos mais importantes artistas de histórias em quadrinhos, a definição para esse gênero é “arte sequencial”. Scott McCloud, quadrinhista e defensor dos quadrinhos, assume-os como uma forma literária e de arte autônoma, considera o termo de Eisner muito amplo em portanto, refere-se a histórias em quadrinhos como “imagens pictóricas a outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações a/ou produzir uma resposta no espectador”.

Em sua composição, as histórias em quadrinhos possuem realmente características únicas, como a ilustração do local onde acontece a história e a própria sequência dessa história. Dentro das HQs, na maioria das vezes, são utilizados balões para representar fala ou pensamento dos personagens, variando em sua forma. Alguns quadrinhistas usam outros meios para representar a fala. As variações dos formatos dos balões devem-se aos próprios personagens, pois eles irão mudar de acordo de como é dito algo. São utilizados diversos recursos para caracterizar as falas, como, por exemplo, a associação do tom da voz com o tamanho da letra.

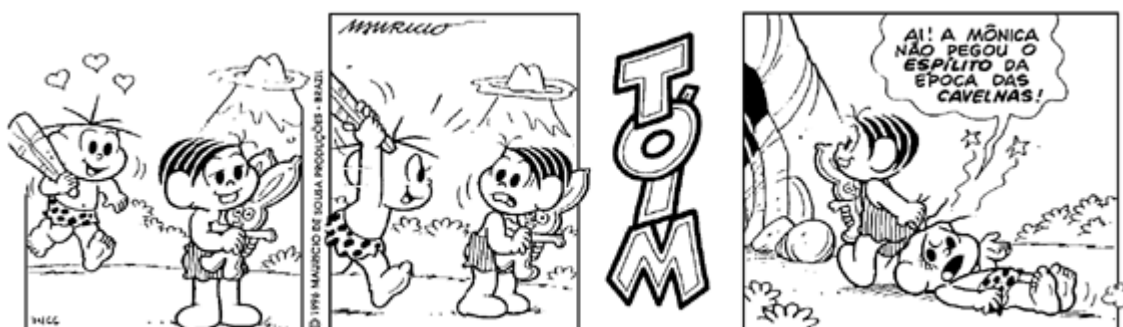


Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5839

No quadrinho acima, por exemplo, a entonação na fala da personagem Mônica é reforçada pelo tamanho da letra – que é maior do que o tamanho normal das letras dos quadrinhos –, pelo balão que tem as pontas viradas para fora – é o balão que expressa o grito –, pelos vidros quebrados que representam fragilidade ao som.

É essencial conhecer a linguagem dos quadrinhos para que haja a compreensão das histórias; há recursos próprios desse gênero, como as onomatopéias, as linhas cinéticas, o quadro ou a vinheta etc. As onomatopéias são palavras que representam ruídos ou imitações das vozes de animais; as linhas cinéticas indicam o movimento de personagens ou trajetória de objetos; e o quadro ou vinheta é o espaço onde as ações acontecem, delimitando os espaços entre as diferentes imagens e dando conta ainda do dinamismo da sequência.



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7466

A HQ acima apresenta sua dinamização na sequência das vinhetas, em que cada uma marca uma ação e dá continuidade a outra; a onomatopéia presente aparece ligando um quadro a outro a partir de seu som, que representa que Cebolinha tomou uma sova de Mônica. Logo após a onomatopéia, a imagem de Cebolinha com o olho machucado e sendo levado por Mônica faz com que a história seja melhor compreendida. Ainda no

último quadro, aparece uma imagem de nuvem que representa o movimento de Cebolinha sendo levado.

Nas HQ, são encontrados diversos personagens, que podem desempenhar papéis de protagonistas, antagonistas, adjuvantes e coadjuvantes. A maioria das HQ costuma apresentar personagens fixos, principalmente tratando-se dos protagonistas. Em geral, os personagens principais exibem aspectos diferentes dos demais como forma de marcar sua presença e definir sua personalidade, afinal o enredo acontece em torno dele. O antagonista aparece na história para dinamizar, já que a maior parte das ações dos protagonistas irá acontecer para impedir algum ato do antagonista. Os adjuvantes e os coadjuvantes, classificados de personagens secundários, participam quase sempre ajudando o protagonista ou o antagonista, possuem casos amorosos com os principais, são amigos ou fazem parte do bando, criticam, enfim, são responsáveis por dinamizar a história também e dar comicidade a mesma. Ainda na dinamização das histórias, cabe notar também as feições dos personagens, pois suas expressões podem ajudar na construção de sentidos. Os gestos, assim como seus atos, também podem definir a personalidade.

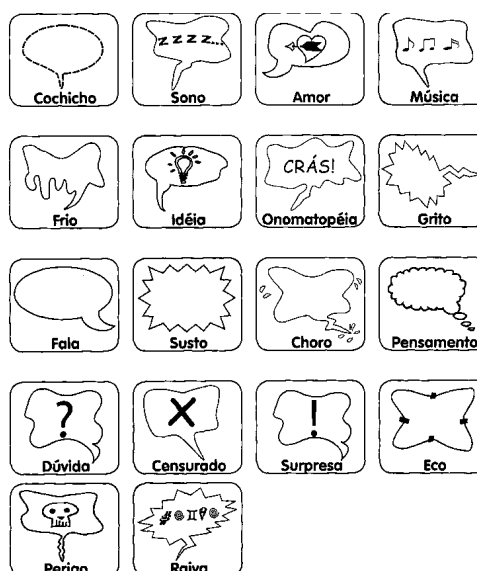
Para a sua leitura e análise, deve-se atentar para o tempo e para o espaço em que a história acontece. O tempo aparece como indicador da época em que se passa a história, enquanto o espaço delimita o cenário da história.

Sendo um sistema de significação que utiliza dois códigos em interação, parte da mensagem das histórias em quadrinhos é passada ao leitor por meio da linguagem verbal. Esta vai aparecer principalmente para expressar a fala ou o pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, mas também estará presente em elementos gráficos, como cartazes, cartas, vitrines etc. A fim de integrar a linguagem verbal à figuração narrativa, os quadrinhos desenvolveram diversas convenções específicas, à sua linguagem, que comunicam instantaneamente ao leitor o “status” do enunciado verbal. (RAMOS, 2009, p.55)

Participando como meio de transmissão da linguagem verbal, deve-se citar os balões. Imagens e palavras estão presentes nos balões no intuito de representar a fala, sonhos ou o pensamento dos personagens. Eles podem aparecer em qualquer lugar do quadro, mas sempre seguem uma ordem, em que se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo, com exceção do mangá, que são HQ ocidentais e se leem da última página para a primeira e da direita para a esquerda.

Nas HQ, podem ser encontrados diversos tipos de balões, com formatos diferentes. Cada formato evidencia algo que está sendo expresso pelos personagens. O

balão que é meio oval com apenas um apêndice – nome da cauda que faz parte do balão e aponta para o personagem, indicando quem é que está falando – é o que está mais presente nas histórias: ele expressa a fala de apenas um personagem. Há o balão que expressa apenas o pensamento do personagem, que é representado por uma nuvem. Há também o balão que reproduz a fala baixa do personagem, o cochicho, exposto por diversas linhas tracejadas em volta do texto. Quando mais de um personagem falam ao mesmo tempo, o apêndice é apontado para todos eles. Se o personagem grita ao falar, isso pode ser exposto a partir do balão que apresenta em seu formato várias pontas apontando para fora de diversos tamanhos. A imagem abaixo exemplifica bem os formatos dos balões e seus objetivos.



Para que haja maior expressão nas falas dos personagens, outros recursos são utilizados para marcar a oralidade. A ferramenta se encontra nas próprias letras, que, dependendo do tamanho, da forma e da cor, podem expressar como que a frase está sendo dita. Quando o tamanho das letras são maiores do que as letras consideradas do tamanho real, mostram que a fala está sendo gritada ou pode ser uma fala de comando; simbolizando o medo, por exemplo, as palavras podem aparecer tremidas em suas formas; e ainda, caso esteja havendo a submissão por meio de algum personagem, ou mesmo para representar uma fala no tom mais baixo, as palavras são escritas em um tamanho menor, comparado ao tamanho real das letras.

Em consideração à diversidade dos quadrinhistas, deve-se apontar o fato de que nem sempre os elementos descritos estarão contidos nos quadrinhos, pois depende da criatividade e da escolha do autor.



O autor da história acima não faz uso de balões em seus quadrinhos, isto é, as falas dos personagens são representadas apenas por uma linha apontada para quem está falando.

4. A HQ E O PROCESSO DE FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR

Para a análise do gênero estudado, é preciso discutir sobre o significado de ideologia, as suas aplicações, seu reconhecimento, contestamento etc., pois, atrás de qualquer ato ou pensamento, sempre haverá uma consciência ideológica. Sendo as

histórias em quadrinhos um meio de veiculação de ideias, afirma-se que nela tudo é ideologicamente construído e divulgado.

O termo ideologia foi fundido na sociedade a partir da Revolução Francesa, quando se tinha como objetivo tornar as ideias iluministas universais.

Apesar do estudo das ideias se confundir com a própria filosofia, o termo ideologia é bem mais recente. Surgiu, não por acaso, no processo final da Revolução Francesa, quando, em 1795, foi criado o Institut de France com a finalidade de propagar e defender as ideias racionalistas do Iluminismo e os principais valores da revolução. Teria sido Antoine Destutt de Tracy o criador do termo “ideologia”, com o sentido direto de uma ciência das ideias ou teoria geral das ideias. (MAURO IASI, 2007, p. 79)

De início, pode-se adotar o pensamento de Marx para entender o significado e a prática da ideologia. Para Marx, o conceito de ideologia está intimamente ligado à luta de classes, mais especificamente, à divisão da sociedade em classes.

A luta de classes, por sua vez, é baseada na divisão da sociedade, em que uma parcela é considerada a classe dominante e a outra parte é subordinada à primeira. A classe dominante exerce seu poderio impondo suas ideias de modo que estas sejam sempre consideradas certas e, principalmente, irrevogáveis. Logo, a dominação é realizada a partir de vontades únicas que tomam instâncias maiores e tornam-se universais para os membros de uma mesma sociedade. Em “A Ideologia Alemã”, Marx (1845) explicita que

as ideias (Gedanken) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; Isso é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante (...). As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante, portanto, as ideias de sua dominação.

As ideias de uma minoria são aplicadas na sociedade e passadas de geração a geração: algumas são reformuladas por conta da atualidade, outras inovadas, e assim por diante. Assim, a ideologia torna-se algo que não se deve contestar, mas sim obedecer. Todas as classes vão se subordinando a algumas ideias, restabelecendo como verdade universal algumas delas e tornando-se prisioneiras de algo que não deveria passar de opinião de certo(s) indivíduo(s).



Quando se trata de ideologia, a religião é um ótimo exemplo. O quadrinho acima foi retirado do blog nariz virtual, que tem o intuito de criticar diversas notícias ironicamente; e, como esse, havia outros quadrinhos direcionados para a crítica religiosa. Do primeiro ao quinto quadro, três “deuses” discutem sobre o surgimento do homem, até quando – no sexto quadro – aparece um homem que aparentemente representa a ciência. Enquanto tentava conceder a sua opinião sobre o tema, foi jogado em um local, que aparenta ser o inferno.

A história é baseada na intolerância religiosa. Desde a antiguidade, a religião é considerada um símbolo inquestionável. De acordo com algumas crendices, considera-

se que o indivíduo que discorda da palavra imposta pela igreja, por exemplo, será condenado ao inferno. Assim, como toda ideologia, algumas religiões usam das mesmas ferramentas, a fé, muitas vezes, cega, que fora imposta deve ser seguida e considerada certa, logo, a religião usa de argumentos místicos para manter seu poderio.

Ao considerar a opinião de certo(s) indivíduo(s) como verdade incontestável e sem perceber – na maioria das vezes – que isso não deveria ser aplicado para todos, a subordinação é efetivada de modo natural e justificada. Considerando o fato de que a visão particular é direcionada como visão universal, a ideologia é portanto concebida como falsas ideias.

Até agora, os homens formaram sempre idéias falsas sobre si mesmos, sobre aquilo que são ou que deveria ser (...). Esses produtos do seu cérebro acabam por dominá-los; apesar de criadores, inclinaram-se perante suas próprias criações (...). Libertemo-los portanto das quimeras, das idéias, dos dogmas, dos seres imaginários cujo jugo os faz degeneram: Revoltemo-nos contra o império dessas idéias. (MAURO IASI, 2007, p. 80)

Na mesma linha de pensamento de Marx, Chauí (1980) considera ideologia “um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela, tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo”. Quando as ideias da classe dominante são inseridas na sociedade, elas são tomadas como um padrão a ser seguido no dia a dia, isto é, são efetivamente um exemplo a ser alcançado para os demais, o que nos leva a pensar que tal ideologia é completamente natural e que tudo que está inserido nela pode ser justificado pela mesma. E o que é pior: quando algum indivíduo discorda desse modelo, ele pode vir a ser excluído do seu círculo social, que até então era formado por pessoas que compartilhavam dos mesmos ideais.

Sendo a ideologia formulada de acordo com opiniões particulares, torna-se produto da sociedade humana, logo, a ideologia imposta como verdade universal pode ser desconstruída de acordo com a ideia de que ela não existe. Se a ideologia é construída pelos homens, pode-se dizer que ela está em constante mudança, frente ao tempo, ao lugar etc.

Como dito anteriormente, a ideologia é imposta por aqueles que detêm o poder, que são vistos como líderes, e maior parte deles são postos nesse poderio pela própria sociedade, como governantes e líderes religiosos. Os líderes passam a imagem de

tutores dos indivíduos, pressupondo diante dos homens, que a sociedade não iria conseguir progredir sem que não tivesse alguém para guiá-la.

O filósofo iluminista Kant denomina a dependência do indivíduo em outro de “menoridade” e que a saída do indivíduo da menoridade é classificada como “esclarecimento”. Tomando por base o conceito de esclarecimento, Kant ressalta que o processo de sair da menoridade é meramente individual; seria então culpa da própria sociedade manter-se sobre o autoritarismo, a tutela dos governantes.

Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio esclarecimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa menoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. Sapere aude! Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do esclarecimento. (KANT – Resposta à pergunta: O que é esclarecimento? 1783)

A menoridade pode ser atribuída à incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O filósofo ainda afirma que todo indivíduo vive uma situação de menoridade em algum momento ou fase de sua vida, como quando somos crianças e ainda não temos total consciência do que queremos, fazendo-se necessário que o responsável interfira na nossa vida. No entanto, a permanência nessa situação pode ocorrer por comodismo, oportunismo, medo ou preguiça. O que não pode acontecer é o indivíduo conservar-se na menoridade a vida toda, renunciando esse processo a si e aos outros.

É cabível afirmar que muitos indivíduos não conseguem de fato sair da menoridade pelas limitações que os cercam. A sociedade em que vivemos é regida por leis, que servem como regras a serem seguidas, logo, em muitas situações pode se questionar, mas é de ordem absoluta obedecê-la, caso contrário, o indivíduo que se impõe e desobedece o que lhe foi imposto pode sofrer inúmeras consequências.

Ter esclarecimento não é apenas adquirir um profundo conhecimento sobre um assunto, mas combinar isso com a conquista da autonomia, passo moral fundamental apenas dado por uma minoria. Nesse sentido, Kant afirma que todos potencialmente podem esclarecer-se, já que possuem capacidade de pensar.

Os governantes – tais como políticos, líderes religiosos etc. – são vistos como detentores de saberes maiores, porém, quem concede tais cargos para esses indivíduos é a própria sociedade, tida para eles como menos capacitados para guiar-se e,

principalmente, guiar a sociedade. Dessa forma, se os integrantes da sociedade não detêm conhecimento para guiar-se, também não deveriam escolher seus representantes.

Nessas circunstâncias, a comunicação midiática apresenta e transmite as ideias a serem seguidas. Todo discurso conduzido para a população através dos meios de comunicação são repletos de ideologias. Logo, os meios de comunicação também podem ser vistos dentro a classe dominadora, pois têm o poder de transmitir suas ideias particulares para esferas maiores como verdades universais.

Como é possível perceber, tanto os meios de comunicação quanto os governantes de uma sociedade transpassam a ideia de que essa diferença de classe é natural, normal, de que sempre irá existir, por exemplo, pessoas ricas e pessoas pobres; e, que todos os indivíduos sempre terão as mesmas oportunidades, os mesmos direitos.

Ou, então, faz com que creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, permitindo a todos o direito de trabalhar, lhes dá iguais chances de melhorar – ocultando, assim, que os que trabalham não são senhores de seu trabalho e que, portanto, suas chances de melhorar não dependem deles, mas de quem possui os meios e as condições de trabalho. Ou ainda, faz com que os homens creiam que são desiguais por natureza e pelas condições sociais, mas que são iguais perante a lei e perante o Estado, escondendo que a lei foi feita pelos dominantes e que o Estado é instrumento dos dominantes. (TIAGO MODESTO, 2009, p. 5)

A ideologia é a melhor maneira de controlar e dominar a sociedade, advindo dessa opressão, como já se sabe, formulada por vontades individuais. Nesse sentido, os preconceitos são ótimos recursos que ajudam a manter os princípios articulados pela classe dominante. A ideologia expressa o que aparentemente é considerado normal, logo, o que ou quem se difere do modelo imposto pode ser visto pelos demais indivíduos de maneira preconceituosa e excludente. Assim, essa ideologia pode ser considerada opressora, de modo a impor a segregação do que não é certo.

Os preconceitos nascem de toda e qualquer relação social. Desenvolvemos nossos olhares ainda quando crianças e fortalecemos com o passar dos anos. A partir da nossa formação como ser social, tratamos o outro com base no que achamos certo, quando – na verdade – tratamos as pessoas a partir das ideias que nos foram impostas.

Como todo meio de comunicação de massa, as HQ estão repletas de estereótipos, de visões particulares partilhadas para o mundo inteiro. Sendo assim, torna-se fundamental tratar dessas questões presentes nos quadrinhos, que vão além de mero divertimento.

Nos quadrinhos de aventura, por exemplo, o estereótipo mais ressaltado encontra-se no corpo: os super-heróis são sempre pessoas consideradas “bonitas” pelo parâmetro social, de modo que seu físico é geralmente ressaltado, como mostra a imagem abaixo.

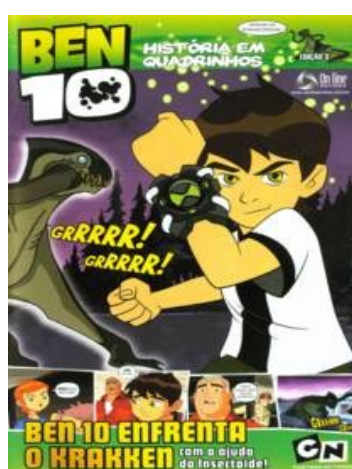


O Homem-Aranha, o Flash, A Mulher-maravilha, o Batman, o Super-homem e outros podem ser considerados os super-heróis que apresentam maior visibilidade na mídia, pois são bem conhecidos e os favoritos do público. Além de super-heróis, os personagens aparecem em seu cotidiano normalmente, como qualquer outra pessoa que possa fazer parte da história, porém, podem ser considerados a personificação da beleza, porque são sempre mais valorizados e estereotipados como exemplo de perfeição para a sociedade.

Em toda sociedade, onde uma classe social é dona dos meios de produzir a vida, também essa mesma classe é proprietária do modo de produzir as idéias, os sentimentos, as intuições, numa palavra, o sentido do mundo. (DORFMAN; MATTELLAR, 1980, p. 127)

As HQ são compostas por linguagem verbal e não verbal, logo, a ideologia pode ser transmitida pelas imagens e/ou pelas palavras de modo a influenciar na sociedade. A influência por meio dos quadrinhos pode levar o indivíduo tanto a ter pensamentos semelhantes quanto a consumir produtos advindos das HQ. Em um mundo capitalista, o que importa é o consumismo, e, se os quadrinhos são meios de comunicação eficazes, podem apresentar produtos comercializáveis para o crescimento da indústria.

Atualmente, o personagem *Ben 10* é o que está mais presente em produtos comerciais e um dos mais vendidos. A história é sobre um menino que encontra um relógio que lhe dá o poder de se transformar em diversos alienígenas com o intuito de deter outros alienígenas que querem causar algum mal para a galáxia. A história é direcionada para crianças e conseqüentemente os produtos com o personagem são direcionados também para elas. São diversos brinquedos, mochilas, roupas, sapatos etc., todos frutos do consumismo. É possível notar a ideologia de quem utiliza os produtos será considerado mais “legal”, assim como quem não o tiver poderá ser excluído do seu círculo, visto que, hoje, é raro encontrar crianças que não gostem dessa figura.



Hoje, a persuasão é uma das características mais marcantes dos meios de comunicação. A ideologia presente nos discursos aparece como meio de vender ideias e modo de viver, mostrando produtos, expondo conceitos de sociedade. As empresas quadrinhistas, assim como as classes dominantes, procuram sempre convencer o leitor a comprar e utilizar ideias de modo a controlar suas ações em todos os âmbitos.

As HQ são capazes de transmitir mensagens ideológicas que estimulam a dependência cultural, reforçando valores típicos da economia capitalista, valores da classe considerada dominante e escondendo os conflitos da sociedade.

A Disney, por exemplo, é uma empresa muito conhecida nos dias atuais. Uma de suas HQ tem como personagem principal o rato Mickey Mouse e a maior parte das histórias é desenvolvida em volta de sua vida. Mickey e os outros personagens – com exceção de seu antagonista – são cidadãos exemplares; as histórias são pacíficas e todos vivem felizes, pois compartilham dos mesmos ideais. Não há o antagonismo de classes – pelo menos não como classe dominante e dominada–, o vilão age de modo a perturbar

essa paz vivida pela sociedade normalmente roubando, se apropriando de recursos alheios.

Tanto a história de Mickey quanto a de diversas outras são reduzidas à luta entre o bem e o mal, na qual os maléficos atuam na sociedade de modo prejudicial à estabilidade harmônica. Dentro das histórias, não é considerada a possibilidade de que pessoas tenham opiniões, interesses ou princípios diferentes uns dos outros.



A Disney representa uma grande empresa de entretenimento, seus desenhos, filmes e produtos. No entanto, com intuito de apenas proporcionar o divertimento das pessoas, omite o fato de ela ser uma das maiores empresas manipuladoras do mercado com grande poder capitalista. Os personagens da Disney são todos voltados para a sociedade capitalista e suas histórias têm o objetivo de transmitir a ideologia capitalista.



Tio Patinhas é a criação da Disney que mais emite os valores capitalistas. Os discursos do personagem são sempre voltados para o dinheiro e para as formas de se ganhar mais. Ele representa o próprio símbolo capitalista da empresa. E, assim como as

histórias de Mickey, a narrativa de Tio Patinhas reforça a ideia de que os valores da sociedade capitalista são naturais, isto é, são produtos do processo de produção.

Enquanto o combate está apenas entre o bem e o mal, se considera exclusivamente que o conflito é fruto de problemas morais e individuais, é excluído o fato de que haja conflitos sociais, com interesses políticos. Assim, inverte-se a realidade de forma que essa seja considerada natural.

Contrastando com as HQ citadas, é possível fazer referência a outra HQ conhecida: Mafalda. Criada em um contexto perturbador, a HQ é extremamente crítica em relação a diversos assuntos, como política, cultura; trata-se de um grupo de crianças, com mais ou menos 6 anos de idade, a personagem principal, Mafalda é a mais crítica e explicita sua opinião de forma perceptível, o que a torna cômica. Para o melhor entendimento das tirinhas de Quino – criador de “Mafalda” – se faz necessário entender de qual contexto ela nasceu.

Quino criou a HQ em meados da década de 60, em meio a conflitos entre o bloco capitalista e o bloco socialista. Na mesma época, estava ocorrendo a Revolução Cultural e, assim, as novas concepções do papel da mulher. Ainda na década de 60, a Argentina sofria com a implantação da Ditadura Militar e diversos direitos estariam sendo cortados, principalmente os da imprensa. E assim, nesse contexto, nasceu Mafalda, criada pelo quadrinhista argentino Quino, que utilizava a imagem ingênua de uma menina de 6 anos para criticar o que estava ocorrendo.

As décadas de 60 e 70 foram marcadas por uma série de conflitos sociais. A personagem Mafalda, por sua vez, era consciente de tudo o que acontecia e, inconformada com o que se passava em seu país e no mundo, contestava os fatos a seu modo; a personagem de Quino era a manifestação do descontentamento e da revolta com o aspecto político da sociedade ditatorial, em que fez com que desaparecessem muitas pessoas. As críticas sobre mulheres submissas eram enaltecidas pela personagem.

Aparentemente, para Quino, Mafalda foi o meio de manifestar a sua revolta com o mundo de forma irônica, já que não podia fazer críticas diretas aos acontecimentos que norteavam o mundo. As tirinhas podiam servir como protesto à submissão, ao conformismo, à ditadura, ao capitalismo, à pobreza, à má representação do governo, à dominação dos EUA, à má qualidade e ao descaso com o ensino. Através de seu posicionamento, Mafalda rompe com as estruturas estabelecidas no seu lar, na escola, e no seu círculo de amigos.

O que mais odeia é a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as absurdas convenções dos adultos e, obviamente, a sopa. As suas paixões são os Beatles, a paz, os direitos humanos e a democracia. (MEDEIROS, 2007, p. 43)

Tirinha I



Tirinha II



Mafalda sempre faz críticas à sopa, primeiramente porque não gosta e, por isso, tenta argumentar para que a mãe não a faça mais. Porém, quando a personagem se refere às galinhas, na verdade, está fazendo uma crítica ao sistema ditatorial da época, quando muitos civis foram mortos, sequestrados e torturados. As galinhas da sopa, por exemplo, fazem alusão a esses civis. Mafalda argumenta com perguntas retóricas de modo que pareça a sua imposição sobre o assunto, esclarecendo que civis (galinhas) não tiveram culpa de nada e não mereciam tais repressões.

Na segunda tirinha, é preciso estar ciente de que os frangos são referentes aos que receberam repressão, como apontado na primeira tirinha. Sendo assim, há a comparação de crianças x frango x reprimidos pelo sistema vigente da época.

Na mesma perspectiva de HQ críticas, é possível citar os quadrinhos de Henfil, que eram criados com o intuito de opinar sobre política, economia, sociedade sempre no viés crítico. Henfil foi uma personalidade de grande importância no Brasil, lutando

contra a ditadura na década de 60 com suas atuações nos movimentos políticos e sociais do país.

Nessa época o país atravessava por uma turbulência política com os militares assumindo o poder e impondo uma ditadura ferrenha principalmente na classe artística e foi nesse cenário que Henfil começou a se destacar, juntamente com outros cartunistas e jornalista de "O Pasquim", como Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Sérgio Cabral, Tarso de Castro, entre outros, que começam a enfrentar de forma escachada e com doses apimentadas de humor todo aquele contexto ditatorial daquela época. (<http://www.tvsinopse.ghost.net/art/h/henfil2.htm>, 2010).



A HQ acima faz referência à chegada do homem branco na terra dos índios. Ironicamente, o autor fala sobre os argumentos dos brancos para dominar – “civilizar” – o índio, que se sustenta no discurso dos índios estarem atrasados socialmente e que eles, homens brancos, poderiam ajudar para o desenvolvimento dos atrasados. Porém, a ironia da história encontra-se na fala dos personagens, que apontam o atrasado do índio pela falta de inúmeras doenças, que o homem da cidade conhecia por já ter contraído.

Como visto no decorrer do projeto, há diversas HQ: umas reprodutoras do sistema e outras críticas ao sistema. Desse modo, é relevante que o ensino trabalhe o gênero em sua amplitude de forma a contribuir para a formação crítica do leitor. Sendo as HQ advindas de um sistema ideológico, além de divertir-se, cabe ao leitor posicionar-se diante das histórias.

O leitor em sua formação crítica não deve reproduzir o que lhe é dito, mas sim contestar sempre. Assim, pode-se afirmar que as HQ contribuem sim para a formação crítica do indivíduo, sobretudo por conta da ideologia presente nela e da real e indispensável condição de ser uma ferramenta pedagógica nas instituições de ensino.

4.1 A HQ E O PRAZER NA LEITURA

A partir do que já foi dito, é preciso discutir sobre outro ponto: o prazer na leitura. Atualmente, são poucas as pessoas que dizem gostar de ler. Para alguns, a explicação está interligada ao surgimento das novas tecnologias, que aparentam ser mais divertidas; outros agregam esse desprazer à imposição da leitura. Pretende-se aqui discutir sobre esses dois fatores.

A imposição da leitura, de fato, faz com que as pessoas se afastem mais desse ato. A exigência começa por parte de professores, que apresentam livros grandes com leituras massivas, não levando em consideração determinados fatores sociais. Os educadores, que são os grandes responsáveis por nosso desenvolvimento como leitores

ativos, muitas das vezes, nos apresentam textos distantes de nossa realidade sociocultural, aumentando ainda mais esse desprazer. Além disso, a linguagem culta, como prática, não é utilizada no dia a dia e, no entanto, a maior parte dos livros apresentados é escrita por essa linguagem, por palavras que não fazem parte do nosso vocabulário, o que torna o texto desinteressante.

As HQ apresentam em sua composição texto verbal e não verbal; as imagens prendem a atenção do leitor, pois a ele é atribuída toda a ação, ou seja, o leitor dinamiza o tempo todo com a história. O texto verbal nas histórias é caracterizado pela linguagem informal – na maioria das vezes –, o que faz com que o leitor aproxime-se mais da leitura.

Uma das estratégias que proporciona o prazer na leitura e que pode ser encontrada no gênero HQ é o uso do sarcasmo, do humor. Atualmente, o humor das HQ é vinculado às críticas feitas pelo personagem, no modo como se faz, no posicionamento do leitor etc. “O humor, enquanto manifestação cultural, é um importante recurso para promover a reflexão e a crítica social”. (DIAS, 2009, p. 205)



É possível notar que, no terceiro quadrinho, há quebra de expectativa do leitor, causada pela incoerência da brincadeira de “fazer absolutamente nada”. Mafalda e seus amigos, que têm por volta de 6 anos criticam a atuação do governo, que é praticamente nula. O que causa o humor na história é justamente o inesperado em uma brincadeira de criança e, dessa forma, a crítica feita ao governo.

O humor é produto do riso e é considerado extremamente importante, porque, se houver o riso, entende-se que o indivíduo compreendeu o que lhe foi transmitido. Para Dias (2009, p. 208),

não há maior inimigo do riso que a emoção, posto que a comicidade se dirige à “inteligência pura”. Para rirmos de alguém que nos inspire piedade ou afeição, será preciso que sejamos indiferente, insensíveis, ainda que momentaneamente, pois só quando o outro deixa de nos comover surge o riso, e como uma espécie de “trote social”, quase sempre a humilhar o seu alvo. A perspectiva do riso paira sobre cada membro da sociedade como uma ameaça de correção para hábitos e ações destoantes em seu grupo.

O riso está intrinsecamente ligado ao ideológico do ser, ou seja, pode ser considerado um ato de crítica, sinal de algo que não é comum a seu ver. Logo, se as HQ forem bem trabalhadas, podem gerar o humor, que lhe faz sentir prazer ao ler, e – entendido ideologicamente – pode influenciar no senso crítico do indivíduo.

Os discursos das HQ de Mafalda, e de Calvin e Haroldo são considerados bons exemplos, devido à “anormalidade” dos seus personagens. Mafalda e Calvin contrariam o que é esperado de crianças, pois são efetivamente críticos e rompem com alguns ideais. Mafalda critica como um adulto a política, o capitalismo, a submissão etc. Por ora, Calvin critica algumas coisas, mas de forma inteligente, uma vez que também reproduz os ideais do sistema em que vive, é consumista e pretensioso, o que também lhe atribui características de adultos.



Calvin tem aparentemente 6 anos de idade, age de certa forma como criança, porém surpreende com suas falas, como no exemplo do quadrinho acima, onde ele tenta fazer negócio com o seu pai. O desenho feito por ele condiz com a sua idade, porém, Calvin faz uso de palavras que não deveriam conter em seu vocabulário por ser de difícil entendimento. Ao tentar persuadir seu pai à compra, por exemplo, dialoga como se fosse um adulto tentando vender algo, fazendo propaganda de seu produto.



O personagem Garfield também pode aparecer como exemplo da produção de humor. O riso é esperado, pois, o gato Garfield, mesmo sendo um animal, age como se fosse um ser humano. Os seus atos apontam sua personalidade, logo, Garfield é considerado preguiçoso, guloso, dorminhoco e, sendo assim, a crítica pode ser percebida pela forma de agir do gato. Nesse quadrinho, Garfield está jogado no sofá assistindo televisão, e a crítica gira em torno da mesma, com a frase: “Ei! Estou vendo televisão! Pare de me fazer pensar, ok?”. A interpretação que pode se ter da frase é que a televisão é um meio de veiculação de ideias que precisam apenas ser transmitidas, não precisam ser pensadas, criticadas, só recebidas.

Para finalizar a afirmação de que a HQ é uma leitura prazerosa, deve-se citar algumas considerações de Pennac (1993). O autor alega que os leitores – alguns deles – começam o que se pode chamar de letramento ainda crianças, ao escutar histórias. Ao ingressar na escola, o gosto pela leitura vai sendo desfeito a partir da leitura imposta, pois são livros grandes e muitas vezes são gêneros que não são encontrados no cotidiano do indivíduo. Desse modo, a instituição de ensino é uma das grandes responsáveis pelo desprazer pela leitura dos alunos. Porém, os quadrinhos de forma a ser introduzido também no contexto educacional, são ferramentas para suscitar o prazer pela leitura, pois, neles os direitos dos leitores podem e devem ser exercidos, deixando a leitura mais prazerosa, já que se pode pular páginas, reler, apegar-se aos personagens. Enfim, as HQ são leituras a serem feitas de forma lúdica e prazerosa, logo, relevantes para o ensino.

4.1.2 LEITURA MAIS VALORIZADA

Os quadrinhos nas suas multimodalidades não devem ser considerados subgênero, seja pela ideologia que o compõem, pelo que podem transmitir como ensinamento, seja pelo prazer proporcionado no decorrer. Logo, por tudo que está presente no mesmo, deve ser inserido efetivamente na vida dos estudantes.

Ideologicamente, os quadrinhos podem tanto fortalecer os estereótipos e o sistema vigente da época quanto criticá-los. O que deve se ter em mente incessantemente é que os quadrinhos sempre apresentarão ideologias. Por conter a linguagem verbal e a não-verbal, eles tornam-se mais atrativos para os leitores, ainda

mais porque produzem discursos com palavras coloquiais, de forma a reproduzir diálogos convencionais, que acontecem no dia a dia.

Agora, cabe ressaltar que o que é defendido no presente trabalho é a inserção dos quadrinhos no meio escolar como material didático. Logo, é pertinente discutir o papel da escola como difusor do gênero, bem como o papel da HQ no material didático. A expectativa sobre o aluno é que este se posicione criticamente de forma responsável em toda e qualquer situação, sendo o diálogo o meio que o ser humano encontrou de se expressar. Espera-se que este consiga dialogar efetivamente em todos os cenários. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2000, p.21),

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

A instituição de ensino tem o papel de dinamizar o conhecimento para que o aluno tenha consigo novas informações sobre diversos assuntos. No entanto, deve-se ressaltar que precisa ser trabalhada a inserção dos estudantes na sociedade como indivíduos críticos, cidadãos que estarão aptos para dialogar em todos os ambientes e construir o sentido do discurso a partir de conhecimentos antigos. A escola ainda deve disponibilizar para os alunos materiais de diversas modalidades, apresentar amplamente os gêneros textuais contidos na sociedade em prol da formação do educando. Deve-se trabalhar com materiais didáticos que dinamizem a aula, de modo que faça o educando vir a entender e a criticar o que está sendo apresentado. Nos PCN de Língua Portuguesa (1997, p.25-26), alega-se que

toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Desse modo, tratando sobre a leitura na escola, tem-se como ideal formar cidadãos críticos que possam interferir no sistema da sociedade. Na realidade, o ensino nas escolas é diferenciado de acordo com a instituição, pois, em sua maioria, as escolas privadas preparam mais os alunos para que possam, por exemplo, prestar vestibular e manter a classe dominante no seu poderio, enquanto na escola pública espera-se formar indivíduos que continuem em sua classe dominada, de modo a certificar-se de que ainda terá profissionais que atuem em cargos que a classe dominante não quer atuar por conta principalmente do salário baixo, como o de motorista, auxiliar de limpeza etc.

Ainda que o ensino se diferencie nas instituições, deve-se apontar para a semelhança que há entre elas. Tanto a privada quanto a pública, por exemplo, favorecem o sistema capitalista, de modo que permite a perpetuar a cultura presente no sistema. As instituições, nesse sentido, não se comprometem a formar cidadãos críticos, pois isso não é benéfico para o sistema. A partir da afirmação feita, pode-se dizer que o material didático apresentado para os alunos é ideologicamente determinado.

No contexto da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais se concebe a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Introdução ao PCN, 1997, p. 33)

Nessa perspectiva, apontam-se as HQ como materiais que possam vir a promover a consciência crítica do indivíduo, de modo a ser trabalhado o conteúdo do gênero a partir, por exemplo, dos aspectos visuais e verbais. É verossímil que haja ideologia também nos quadrinhos, mas de forma que esta se encontre presente no cotidiano de inúmeras pessoas.

Ainda nos dias atuais, pode-se atribuir a responsabilidade do desprazer pela leitura às instituições de ensino, que continuam a ser conteudistas, apresentando textos que não despertam o prazer e a curiosidade do aluno. A partir dessa afirmação, as HQ são instrumentos de ensino que ainda proporcionam prazer pelo que já foi abordado no anteriormente.

É de crucial importância, portanto, que as HQ sejam inseridas também no contexto escolar como material didático, de modo a considerar que estas sirvam como construtoras da criticidade do indivíduo. Elas podem ser utilizadas tanto como reforço a

pontos específicos dos assuntos, como para propiciar exemplos de aplicação dos conceitos teóricos desenvolvidos em aula. A leitura prazerosa também contribui para que essa formação seja feita de modo lúdico e mais proveitoso. O preconceito que envolve as HQ precisa, definitivamente, ser desfeito para que assim seja trabalhada da melhor maneira na sala de aula.

5. CONCLUSÃO

Como foi apresentado, a história em quadrinhos é um gênero textual que, por apresentar algumas características distintas dos demais gêneros, considerando sua composição, estilo e demais propriedades, pode proporcionar discussões e análises riquíssimas no processo de formação do leitor.

No entanto, o caráter informal muitas vezes proposto por esse contribui para que ele seja marginalizado e considerado inferior à literatura clássica. Isso gera, de certa forma, uma exclusão dos quadrinhos na formação do indivíduo. Muitos profissionais da educação, por exemplo, o considera um gênero supérfluo, que não acrescenta muito em sala de aula. Pode-se dizer que o que ocorre é uma generalização, pois alguns educadores consideram todos os textos deste gênero uma leitura inocente e creem que não são capazes de produzir e sustentar discussões críticas. Em outras palavras, não consideram que todos os textos são ideologicamente construídos, isto é, abarcam uma opinião.

É evidente que o preconceito sempre estará impregnado em todas as esferas da sociedade como algo natural pela inserção de ideias particulares da classe dominante. No entanto, é preciso estar ciente de que a ideologia parte de uma minoria detentora de poder e que os preconceitos advêm de princípios sem fundamentos.

Logo, deve-se considerar que o preconceito perante o gênero quadrinho também é equivocado e que o gênero tratado tem grande relevância na formação crítica do leitor por conta, principalmente, das suas vastas possibilidades a serem trabalhadas nas instituições de ensino.

Com base na visão sociocognitiva interacionista da leitura, acredita-se que é possível formar leitores que atuem na sociedade frente à tomada de decisões e, que mais do que atuar, sejam capacitados a processar as informações que são postas à sua frente

de modo a criticá-las por suas opiniões próprias visando o bem estar dos demais indivíduos.

Assim, cabem às instituições de ensino preparar seus alunos para uma leitura/visão para além do texto, de modo a não enxergarem o gênero como mero divertimento, mas compreenderem que os quadrinhos podem ter o papel de propagador de ideologia, mas, sobretudo, podem contribuir significativamente para a formação de cidadãos críticos.

A partir disso, conclui-se que os quadrinhos podem/poderiam, além de tudo, ser leitura cotidiana dos indivíduos. A melhor leitura, certamente, é a leitura espontânea, escolhida sem obrigação, capaz, inclusive, de trazer prazer para o leitor e contribuir na sua formação crítica.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Denise C. *A questão do gênero nas histórias em quadrinhos de Mafalda (Quino)*. Minas Gerais, 2003.

BAKHTIN, M. *Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

Blog do Arthur Andrade. *Central das Tiras*. Disponível em: <http://centraldastiras.blogspot.com.br/2010/09/mafalda-sopa-em-cubinhos.html>. Acesso em 2 fev. 2013.

Blog do Daniel Moura. *Clube da Mafalda*. Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/>. Acesso em 2 fev. 2013.

Blog Ebooks. *Tudo sobre literatura, download de livros gratis, revistas, quadrinhos e muito mais: Maurício de Sousa lança seu primeiro personagem gay*. Disponível em: <http://ebooksgratis.com.br/tag/mauricio-de-sousa/page/5/>. Acesso em 6 jan. 2013.

Blog do Jacson Boeing e do Fábio Feyh. *Adrenaline: Quadrinhos – Tirinhas do Garfield*. Disponível em: <http://adrenaline.uol.com.br/forum/geral/126791-quadrinhos-tirinhas-do-garfield.html>. Acesso em 9 jan. 2013.

Blog da Microcamp. *Tecnologia da Informação: Encontre motivos para ser um empreendedor na área TI*. Disponível em: <http://www.blogti.microcampsp.com.br/encontre-motivos-para-ser-um-empendedor-na-area-ti/>. Acesso em 06 jan. 2013

Blog de Niara de Oliveira. *Pimenta com Limão: Lembrando do Henfil*. Disponível em: <http://pimentacomlimao.wordpress.com/2010/02/07/lembrando-do-henfil/>. Acesso em 20 fev. 2013.

Blog do Orlando Rios. *Literatura e Idéias: O Que é Texto*. Disponível em: <http://lideias.blogspot.com.br/2010/04/o-que-e-texto.html>. Acesso em 9 jan. 2013

Blog do Paulo Dandrea. *Tirinhas engraçadas e críticas*. Disponível em: <http://narizvirtual.blogspot.com.br/2010/08/tirinhas-engracadas-e-criticas-muito.html>. Acesso em 2 fev. 2013.

Blog Sociologado. *Ciências sociais, mídia e notícias afins*. Disponível em: <http://sociologado.wordpress.com/tag/henfil/>. Acesso em 2 jan. 2013

Blog TV Sinopse. *TV Sinopse: Henfil*. Disponível em: <http://www.tvsinopse.kinghost.net/art/h/henfil2.htm>. Acesso em: 20 fev. 2013.

DIAS, Ana R. *Leitura crítica do humor no jornal*. In: ELIAS, Vanda M. (org.) Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

ELÍSIO, Roberto S. *A História em Quadrinhos na Sala de Aula*. Minas Gerais, 2003.

Fazendo Educação. Disponível em: <http://fazendoeducacao.zip.net/atividades/>. Acesso em 6 jan. 2013.

FIORIN, José L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.

IASI, Mauro L. *Ensaio sobre a consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Instituto Cultural. *Quadrinhos da Turma da Mônica*. Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>. Acesso em 6 jan. 2013.

JUNIOR, Rivaldo C. *Ler e compreender tirinhas*. In: ELIAS, Vanda M. (org.) Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?*. 1783

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e Compreender: os sentidos dos textos*. São Paulo: Contexto, 2006.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LINS, Maria da P. *Lendo humor nos quadrinhos*. In: ELIAS, Vanda M. (org.) Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

LUYTEN, Sonia M. *História em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MARCUSCHI, Luiz A. *Gêneros textuais: definições e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

- MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo, 1995.
- MCCLLOUD, Scott. *Reinventando os quadrinhos*. São Paulo, 2006.
- MEDEIROS, Fabiano D. *Mafalda: Uma Análise Textual*. Porto Alegre, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.
- MODESTO, Tiago T. *Linguagem, ideologia e preconceito linguístico na sociedade*. 2009.
- NERY, Daniel. *Análise psico-imagética do cartoon Calvin e Haroldo*. São Paulo, 2006.
- NICÉSIO, Guilherme L. *A Estrutura Textual II – Vol. III (6)*. Campinas, 2009.
- RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, Paulo. *Recursos de oralidade nos quadrinhos*. In: ELIAS, Vanda M. (org.) *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ROSA, Caciací S. *Leitura: uma porta aberta na formação do cidadão*. Bahia, 2005.
- ROSSI, Raphaela C. *A Análise discursiva de tirinhas em quadrinho sob a temática educativa*. 2009.
- SANTOS, Mariana O; GANZAROLLI, Maria E. *História em quadrinhos: formando leitores*. Campinas, 2011.

SILVA, Diva B. *Humor, crítica e/ou ironia nas tiras de Bill Waterson*. São Paulo, 2009.

SILVA, Giseli N. *A Argumentação Presente em Diferentes Gêneros Textuais*. São Paulo, 2008.

STUTZ, Lidia; BIAZI, Terezinha M. *A Construção de Sequências Didáticas com o Gênero Tiras em Quadrinhos no Ensino de LI*. Paraná, 2007.